

A liberação graciosa e incondicional do perdão é uma prova inequívoca de que somos libertos. Somente os verdadeiramente libertos podem ser agentes autênticos e eficazes de libertação. Não damos tanto valor à formalidade do perdão que, sutilmente, criamos uma lei em que o ofensor deve expressar seu pedido de perdão com a maior clareza possível para que o ofendido sintá-lo como o devido a perdoar. Mas isso pode facilmente descambar para uma atitude velada de vingança, desejando-se humilhação do ofensor, como uma penitência pública que o torne merecedor do perdão, e o reconhecimento da bondade de quem está perdoadando. Há ainda o risco de tudo não passar de um jogo de cena farisaico e de interesses das partes, sem um verdadeiro arrependimento do ofensor ou um verdadeiro perdão do ofendido.

Jesus não esperava o pedido formal de perdão. Perdoava como valorização da atitude que sabia estar nos corações sem impor qualquer humilhação. Com essa iniciativa, ele demonstrava o verdadeiro valor da graça. Foi assim que procedeu para com aquela que lhe apresentaram como adúltera, com o aleijado descido pelo telhado e até mesmo com os algozes que o pregaram na cruz. Entendia que não necessitavam de mais humilhação do que o próprio pecado já lhes impusera; precisavam agora de libertação. A mesma lição pode ser vista no pai do filho pródigo que não impõe condição alguma para recebê-lo de volta.

Nossa dívida para com Deus é eternamente impagável por causa do que Ele nos agraciou por meio de Jesus. Tão grande é essa dívida que não permite esperar qualquer espécie de pagamento ou retribuição. Contudo, Deus tem expectativas a nosso respeito, especialmente quanto ao perdão, a ponto de condicioná-lo expressamente assim como. Para não cairmos novamente na tentativa de oferecer uma troca ou pagamento a Deus, precisamos entender que é uma condicionalidade vinculada à graça. Assim como recebemos, devemos dar sem preço e sem condições.

A expressão assim como não deve ser entendida no sentido comparativo, como se alguém pudesse ser tão bom quanto Deus e, de si mesmo, emanar o perdão ao outro. Pelo contrário, assim como refere-se, antes de tudo, à origem e à natureza do perdão. Ou seja, o perdão incondicional que recebemos de Deus tem sua origem e natureza no próprio Deus, e é esse mesmo que deve ser oferecido ao ofensor.

Em outras palavras, não nos cabe julgar se o ofensor merece o perdão; aliás, se fosse merecedor, nem seria necessário perdoar-lhe, pois o perdão só cabe a quem não o merece. Quem faz por merecer, recebe o que lhe é devido, e isso não é perdão, é retribuição. Portanto, nosso coração não pode ser contaminado com qualquer retenção de perdão ou espera de solicitação formal do ofensor.

A expectativa de Deus quanto à nossa atitude de perdoar é tão intensa que, após nos tornarmos conscientes de que fomos perdoados incondicionalmente, Ele deseja que, por livre e espontânea vontade, ofereçamos a mesma graça imerecida que nos devemos. Mais do que isso, Ele condiciona nosso recebimento desse perdão ao que oferecermos daquele momento em diante. É isso que encontramos no texto conhecido como o Pai Nosso: Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. (Mt 6.12.) Também o que aprendemos na parábola do servo incompassivo (Mt 18.23-35).

Estes demonstrou exatamente essa relação ao fazer sua última oração enquanto sofria apedrejamento: E apedrejaram a Estevão que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito! Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras adormeceu. (At 7.59-60.) Estevão estava seguindo o modelo de Jesus: E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. [...] E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou. (Lc 23.34,46.) A atitude de Estevão, com certeza, foi determinante na conversão de Saulo.

A liberação graciosa e incondicional do perdão é uma prova inequívoca de

que somos libertos. Somente os verdadeiramente libertos podem ser agentes autênticos e eficazes de libertação. Um ato de misericórdia que excede a justiça por maior que ela seja.
Nos dias de seu ministério na Terra, Jesus recebia assim as pessoas porque sabia que o Pai as tinha enviado (Jo 6.44). Nos dias de hoje, o Pai continua enviando-as a Jesus; entretanto, a única maneira de Jesus recebê-las é por nosso intermédio. Como sabemos que Jesus não mudou, daremos um testemunho mais autêntico da graça de Deus à medida que praticarmos o perdão com a mesma atitude de Jesus. Essa demonstração viva alcançará o pecador com muito mais eficiência do que as elaboradas pregações e os megaprojetos evangelísticos em curso naquilo que chamamos de obra do Senhor.